

OUTRAS PALAVRAS

O não-perfil de Torquato Neto.

George Mendes (coordenação), com honrosa colaboração de Marcelo Ribeiro.

Sobre Torquato Neto há muito que dizer de seus múltiplos significados e trajetória, o que não faltam são polêmicas e visões divergentes, por isso mesmo potencializadoras de curiosidades.

Há quem o veja ideólogo da Tropicália, sua face política, principalmente pela vinculação do moço (de pele muito branca) com o CPC – Centro Popular de Cultura da UNE. Caetano Veloso, que discordou de observação de Décio Pignatari, teórico da comunicação, pilar da poesia concreta, diria que “Torquato era um sujeito maravilhoso, mas ele não foi líder de movimento tropicalista em nenhum sentido, não é fato”. Ressaltam que teria Torquato visão mais abrangente que a simples ruptura estética alardeada pelos baianos. Nele, enxerga Gilberto Gil “uma das pessoas mais influentes no sentido do levantamento ideológico da postura tropicalista”. É conhecido que Gil sempre esteve mais à esquerda que Caetano. Brotara daí, talvez, maior afinidade, as parcerias iniciais com Torquato. Falam que se conheceram no Colégio Nossa Senhora da Vitória, onde teriam sido contemporâneos. Acontece que Gil era mais adiantado nos estudos e quando Torquato – aos 16 anos, no início de 1960, - chega a Salvador para estudar, o soteropolitano já adentrava a Universidade. Esclarece Gil a Tárík de Souza:

“Conheci Torquato na Bahia através de Caetano Veloso e Capinan. Ele estava deixando de estudar na época, queria vir para o Rio e existiam interesses comuns nossos em torno de Centro Popular de Cultura da UNE, que tinha um ramal na Bahia. Torquato sumiu por mais ou menos um ano e só vim a me reencontrar com ele no Rio, onde começamos as primeiras parcerias. Até Salvador não fizemos nada”.

Indiscutível é o fato de Torquato ter participado com brilho dos primeiros trabalhos dos baianos, seguidos com eles nos tempos da Tropicália, tendo-se afastado deles depois para abraçar novas causas, outras transas .

Muitos colaboraram com o movimento tropicalista através de consistentes ideias (Agripino, Duda, Oiticica), sugestões (Guilherme Araújo, Maria Bethânia) e até parcerias (Rogério Duarte, Tom Zé, Capinam, Macalé e outros). Preciosos e fundamentais foram os arranjos de Duprat; e indelével a participação competente e debochada dos Mutantes. Mas ninguém mergulhou tão profundo como Torquato, um letrista de mão cheia e das primeiras horas. Para Marcelo Ribeiro, que acompanhou fascinado o trabalho de todos (sacrificava cerveja e até lanches para, estudante fora de casa, adquirir os compactos e Lps), desde o primórdio o piauiense era tão baiano quando Caetano, Gil e Gal, o quarto esteio do grupo, o “Torquatro”.

Torquato Pereira de Araújo Neto, filho de funcionários públicos, Heli da Rocha Nunes, promotor público, espírita, e da professora Maria Salomé da Cunha Araújo, a Saló, católica fervorosa, desde miúdo mostrara dificuldades para se adaptar a regras rígidas da província, sua Tristeresina, onde nascera em 9 de novembro de 1944 em numerosa família: apenas pelo

lado da mãe, onze tios e tias; quarenta e sete primos de primeiro grau. Fez o ciclo primário e secundário em Teresina, para depois seguir para Salvador, onde cursa as 1ª e 2ª séries do curso científico no Colégio Nossa Senhora da Vitória (Maristas), localizado na av. Araújo Pinho, 39, no bairro do Canela. Salomé e Heli planejam vê-lo Embaixador, um sonho logo desfeito. De Salvador foi para o Rio, onde moraria até a madrugada em que deu a morte a si próprio. Na capital baiana teria sido assistente (não consta da ficha técnica) de Glauber Rocha, no Barravento.

Poeta, jornalista, crítico, romancista, roteirista, ator (Nosferatu no Brasil e A múmia volta a atacar, de Ivan Cardoso; Helô e Dirce, de Luiz Otávio Pimentel) e diretor (Terror da Vermelha, Adão e Eva: Do Paraíso ao Consumo) de cinema (marginal), letrista de música popular. Em 1962, Torquato matricula-se no curso de jornalismo da Universidade do Brasil, mas nunca chegaria a se formar. Trabalhou em diversos veículos da imprensa carioca, com colunas sobre cultura no Correio da Manhã e Última Hora. No suplemento O Sol (do Jornal dos Sports, frente de cor rosa), que seria extinto pelo AI-5, assinava coluna (Geleia Geral) sobre música popular.

Agente cultural nato, polêmico (chegou a atirar uma primeira pedra em Aulfo Alves) e afeito a manifestações artísticas de vanguarda. Inquieto, atuaria em várias áreas, tendo se aproximado do cinema Underground (Bressane, Sganzerla, Ivan Cardoso), dos poetas concretistas Décio Pignatari (deste vem o termo Geleia Geral), Augusto e Haroldo de Campos, e do artista plástico Hélio Oiticica, com quem viajou para a Europa e depois trocava copiosa correspondência. Glauber polemizaria com a turma do cinema marginal; a essa vertente referir-se-ia com intentona udigrudista de 68.

Escreveu o breviário Tropicalismo para Principiantes, onde defendeu a necessidade de se criar um pop genuinamente brasileiro:

“Assumir completamente tudo que a vida dos trópicos pode dar, sem preconceitos de ordem estética, sem cogitar de cafonice ou mau gosto, apenas vivendo a tropicalidade e o novo universo que ela encerra, ainda desconhecido”.

Notória a qualidade de suas letras. O sensível, inteligente e tímido Torquato firmou-se ao enriquecer o início das carreiras de Gil e Caetano: no primeiro Lp individual de Gil, no início de 1967, concebido bem antes das incursões tropicalistas, comparece como parceiro nas músicas Louvação (composta em 1965), A Rua e Rancho da rosa encarnada (Gil, Torquato e Vandrê). A contracapa traz texto seu onde afirma ser o baiano compositor mais fértil e importante da música popular brasileira, e que das várias maneiras de se cantar e fazer música, Gil prefere todas. Assegurava ao pai que Gil iria ser “uma coisa grande no Brasil”. Na letra de A Rua, mostras do lirismo amargo que tanto o incomodava: De longe pensando nela / Meu coração de menino / Bate forte como um sino / Que anuncia procissão... Esse menino crescido / Que tem o peito ferido / Anda vivo, não morreu... Meu tempo de brincar já foi-se embora. Presente também – com Zabelê e Minha Senhora (parcerias com Gil), e com Nenhuma dor (parceria com o amigo Cae) – no Lp Domingo, de Veloso e Gal Costa, à época Maria da Graça. No primeiro Lp individual do Gil tropicalista, Domingou e Marginália II. Sintonia absoluta. A Tárík de Souza, Gil prestou depoimento sobre o parceiro:

“Torquato, quase sempre, vinha com o poema completo, como Geleia Geral. Não mudei uma vírgula, já veio eletrificado. Ele cantava mal, não tinha afinação, era muito tímido, não tocava qualquer instrumento, mas era muito musical. Ele me ajudou muito na artesanaria. A capacidade de operar com poemas. Abrir as reentrâncias e criar as saliências. Essa coisa de fazer acoplamento da letra com a música; já em A rua, a intenção era de fazer uma suíte mesmo, nos moldes daquela Suíte dos pescadores, do Caymmi. Aquele sentido rapsódico de vários climas, várias passagens, várias visões, que eu tinha feito com Capinam em Água de meninos”.

Participará da foto da capa (ao lado de Gal) de Tropicália ou Panis et circensis, e Geleia Geral (forte melodia de Gil) apontada por muitos como a canção-símbolo do disco manifesto. Soubera expressar o instante, o espírito e a intenções do movimento: (re) visão crítica, política, escrachada (a começar pelo título). Ali se percebe o desmonte da imagem nacional-ufanista do decantado e doce paraíso tropical. Na comprida letra – que poderia ter sido da lavra de Caetano ou Gil -, a proposta dos baianos de tudo rever e misturar: concretismo, antropofagia, folclore e iê-iê-iê, TV, jornal, estrangeirismos, clichês, etc. Brincadeira e verdade. Nela, convive carne-seca com Sinatra, Mangueira com formiplac, brutalidade com jardim, santo barroco baiano com os destaques da Portela. Observa-se também pitada de linguagem jornalística. E, de quebra, ainda se ganha um “bom dia” da miss linda Brasil. Uma bagunçada tropical, geleia geral à Oswald de Andrade.

Um poeta desfolha a bandeira e a manhã tropical se inicia
Resplendente, cadente, fagueira num calor girassol com alegria
Na geleia geral brasileira que o Jornal do Brasil anuncia
Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
Ê bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi
A alegria é a prova dos nove e a tristeza o teu porto seguro
Minha terra é onde o sol é mais limpo e a Mangueira é onde o samba é mais puro
Tumbadora na selva-selvagem, Pindorama, país do futuro
Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
Ê bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi
É a mesma dança na sala, no Canecão, na TV
E quem não dança não fala, assiste a tudo e se cala
Não vê no meio da sala as relíquias do Brasil
Doce mulata malvada, um LP de Sinatra, maracujá, mês de abril
Santo barroco baiano, superpoder de paisano, formiplac e céu de anil
Três destaques da Portela, carne-seca na janela, alguém que chora por mim
Um carnaval de verdade, hospitaleira amizade, brutalidade jardim
Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
Ê bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi
Plurialva, contente e brejeira miss linda Brasil diz “bom dia”
E outra moça também, Carolina, da janela examina a folia
Salve o lindo pendão dos seus olhos e a saúde que o olhar irradia
Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
Ê bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi
Um poeta desfolha a bandeira e eu me sinto melhor colorido

Pego um jato, viajo, arrebento com o roteiro do sexto sentido
Voz do morro, pilão de concreto tropicália, bananas ao vento
Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
Ê bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi.

No mesmo disco, o humor irônico, melancólico e doce de Mamãe Coragem, comoventemente interpretada por Gal:

Mamãe, mamãe não chore /A vida é assim mesmo, eu fui embora /Mamãe, mamãe não chore
Eu nunca mais vou voltar aqui /Mamãe, mamãe não chore /A vida é assim mesmo, eu quero
mesmo é isto aqui /Mamãe, mamãe não chore /Pegue uns panos pra lavar, leia um romance
Veja as contas do mercado, pague as prestações/Ser mãe é desdobrar fibra por fibra os
corações dos filhos/ Seja feliz, seja feliz /Mamãe, mamãe não chore/ Eu quero, eu posso, eu
quis, eu fiz, mamãe, seja feliz /Mamãe, mamãe não chore /Não chore nunca mais, não adianta,
eu tenho um beijo preso na garganta Eu tenho um jeito de quem não se espanta (braço de
ouro vale 10 milhões) /Eu tenho corações fora do peito /Mamãe, não chore, não tem jeito
Pegue uns panos pra lavar, leia um romance /Leia, “Elzira, a morta virgem”, “O grande
Industrial”/Eu por aqui vou indo muito bem, de vez em quando brinco carnaval /E vou vivendo
assim: felicidade na cidade que eu plantei pra mim /E que não tem mais fim, não tem mais fim,
não tem mais fim.

Múltiplo, em suas letras-poesias (ou o inverso, tanto faz) convivem melancolia –
apesar de Ana Maria, sua viúva, baiana que conhecera no Rio em 63, no dia da inauguração do
Teatro da UNE, negar o renitente espírito pessimista e sombrio – com a esperança, o amargo
com o doce, o humor cáustico com o lirismo.

Aqui e ali, fortes pinceladas políticas, mas sem resvalar para o panfletário.

É preciso ó doce namorada / seguirmos firmes na estrada / que leva a nenhuma dor...

Sempre andei por um caminho /que não conhecia bem...

Mas o que vejo é incerto / e o que /consigo não dura. / Eu sempre quis outra vida / eu sempre
quis ser feliz...

Depois da noite outro dia / com suas /mesmas desgraças...

eu sou como eu sou / vidente / e vivo /tranquilamente / todas as horas do fim...

Vietvistavisão / terra mar e ar / atenção / fica a morte por medida / fica a vida por prisão...

Um bom menino perdeu-se um dia / entre a cozinha e o corredor...

Um trem de ferro sobre o colchão / a porta aberta na escuridão / a luz mortiça ilumina a mesa
/e a brasa acesa queima o porão / os pais conversam na sala e a moça / olha em silêncio pro
seu irmão...

Que de triste neste mundo / já me basto a mim sozinho...

O jornal de manhã chega cedo / mas não traz o que eu quero saber / as notícias que leio
conheço / já sabia antes mesmo de ler...

Louvo a vida merecida / de quem morre pra viver / louvo
A luta repetida / da vida pra não morrer / louvo o jardim que se planta / pra ver crescer a
roseira / louvo a canção que se canta / pra chamar a primavera / louvo quem canta
e não canta / porque não sabe cantar...

Desde que saí de casa / trouxe a viagem de volta / gravada na minha mão /
enterrada no umbigo / dentro e fora assim comigo / minha própria condução / há urubus no
telhado / e a carne seca / é servida / um escorpião enterrado / na sua própria ferida/ não
escapa, só escapo / pela porta de saída / todo dia é o Mesmo dia / de amar-te, amor-te,
morrer / todo dia menos dia / mais dia é dia D...

Minha tem palmeiras / onde sopra o vento forte / da fome do medo e muito / principalmente
da morte... aqui é o fim do mundo.

Para melodia de Edu Lobo, a lindeza premonitória de Pra Dizer Adeus, sucesso
imediatamente na voz de Elis Regina: Adeus / Vou pra não voltar / E onde quer que eu vá / Sei que
vou sozinho/ Tão sozinho amor / Nem é bom pensar/ Que eu não volto mais / Desse meu
caminho/ Ah, pena eu não saber / Como te contar/ Que o amor foi tanto / E no entanto eu
queria dizer/ Vem/Eu só sei dizer /Vem/ Nem que seja só /Pra dizer adeus

Mesmo depressivo, lutando contra o alcoolismo, não se lhe escapa a esperança:
Desapeie dessa tristeza / Que eu lhe dou de garantia/ A certeza mais segura/Que mais dia
menos dia/ No peito de todo mundo / Vai bater a alegria

Tampouco do lirismo em Zabelê: Minha sabiá /Vem me dizer, por favor /O quanto que
eu devo amar /Pra nunca morrer de amor

Um dado intrigante é ter Torquato, em ensaio denominado Arte e Cultura Popular,
publicado em Teresina, em fevereiro de 1964, chamando o Concretismo de “um movimento
híbrido, horrível”. Reveria conceitos e afinar-se-ia pouco adiante com Augusto, Haroldo e
Décio. Mas já louvava, na ocasião, obras literárias que expunham “semvergonhamente” as
desgraças do subdesenvolvimento brasileiro. Válido assinalar, como registra Paulo Roberto
Pires em Torquatália, a independência do tropicalista Torquato ao defender, em julho de 1967,
o jovem compositor Chico Buarque, tachado de passadista:

“Não conheço tolice maior do que dizer a respeito de Chico (elogiando-o!)
que sua música é pura e simplesmente o renascimento do samba tradicional.
Tendo como fonte básica as mais antigas tradições do samba (...) ele,
a meu ver, como que o reinventou” .

No final de 1968, Torquato recebe a bolsa de estudos para escrever sobre a influência
africana na Música Popular Brasileira. Viaja para os EUA e Europa. Em 1969, Gil o veria em
Paris, mas já estavam, desde o final da época tropicalista, ainda em São Paulo, afastados.
Evitava falar sobre o desentendimento com Caetano; limitava-se a falar (em família): “isso
passa”. Irreverente, afirmara em texto de 1968:

“ escolho a Tropicália porque não é liberal, mas porque é libertina. A antifórmula superabrangente: o tropicalismo esta morto, viva a Tropicália. (...) Canto todos os hinos no banheiro, para não cair em tentação”.

Retorna, ainda em 1969, para o Brasil. Mergulha na contracultura. Polemiza com a turma do Cinema Novo, acusa-a de incoerente por criticar o governo e dele receber subvenção. Denuncia a máfia dos direitos autorais. Interna-se várias vezes, inclusive em Teresina (levado pelo pai), para tratar alcoolismo e depressão. Mete farpas no Pasquim. Envolve-se com LSD, além da maconha. Desencantado, queixando-se do regime militar e da patrulha da esquerda (“a ditadura do gosto”), discordando do “esquema” acomodado (artístico, literário e poético) de que seus ex-companheiros agora fazem parte, cultiva um ensimesmamento que o leva a desfazer amizades. Em junho de 1971, em carta para Oiticica, que morava nos EUA, afirma:

“eu não tenho mais nenhum compromisso com musica popular brasileira”.

Mas continuará compondo. Em maio de 1972, alfineta Gil: “só transou de yin e yang, essa coisa que eu acho meio chata sendo assim, mas que, enfim, pode ser apenas malandragem dele”.

Confessara um dia em versos: eu sou como eu sou / pronome / pessoal intransferível / do homem que iniciei / na medida do impossível... eu sou como eu sou / vidente / e vivo tranquilamente todas as horas do fim.

Quando internado no hospício do Engenho de Dentro, no Rio, registrou: “sentado aqui, páro e vejo bem lá dentro de mim, acesa, a luz que me guia para a destruição”. Ao jornalista Cláudio Portella, diria o dr. Heli: “ele tinha umas crises, entendeu? Cíclicas. Se entristecia, ficava todo, todo fechado, não falava, entendeu?”. Passou a destruir escritos seus, doou sua coleção de cordel, quebrou a máquina de datilografia. Cansara de, obedecendo às ordens de um anjo louco que um dia lera a sua mão (clara referência a admiração por Drummond), “desafinar o coro dos contentes” (colhera a expressão em Sousândrade). Às primeiras horas de 10 de novembro de 1972, meses depois do retorno dos baianos, após chegar em casa da comemoração dos seus 28 anos, escreve um bilhete e, vestido apenas com uma cueca vermelha, tranca-se no banheiro, abre o gás do aquecedor, veda com um lençol as saídas de ar e asfixia seu tormento. No manuscrito, a objetividade: Pra mim, chega! Foi enterrado em Teresina. Para o genitor, já nascera com tendência ao suicídio. O amigo Waly Salomão o compararia a um pássaro de fogo, iluminação e consumação ao mesmo tempo. Do poeta Augusto de Campos viria certo azedume: com tantos lite-ratos dando sopa, se vendendo por um lugar ao sol, você deu as costas ao lugar e ao sol.

Ao visitar Teresina, Caetano teria recebido uma rosa do pai de Torquato, e que muito intenso foi à emoção do abraço. Extravasa o poeta:

“Eu às vezes penso muito em Torquato. No período mais próximo da morte dele, vi muito pouco Torquato. Que era uma pessoa que eu via muito. Então você sente uma angústia no sentido de que parece que poderia ou deveria ter feito alguma coisa, ter estado perto de algum modo. Mas eu ficava sem ser arrebatado por uma emoção” de sentimento, de saudade ou de choro. Até que já alguns anos depois fui a Teresina. Conheci o pai dele, o dr. Heli, ficamos conversando e ele me serviu uma cajuína. Foi quando eu consegui chorar a morte de Torquato”.

Cajuína, produto original do Piauí, é um suco clarificado de caju, sem adição de açúcar ou água; desprovido de fermentação.

Conta D. Canô chorava muito – “todo dia, toda noite” – quando o marido morreu. Caetano confortou-a: não chore; sabe por quê? A senhora não tem remorso. A senhora fez por meu pai tudo; portanto não chore por meu pai. Não quero que chore. E dona Canô, apesar de sentir saudade, não mais chorou.

Para o amigo que se mandou, Torca, Caetano lapidou o diamante Cajuína:
Existirmos: a que será que se destina?/Pois quando tu me deste a rosa pequenina
Vi que és um homem lindo e que se acaso a sina/Do menino infeliz não se nos ilumina
Tampouco turva-se a lágrima nordestina/Apenas a matéria vida era tão fina
E éramos olharmo-nos intacta retina/A cajuína cristalina em Teresina.

A obra de Torquato Neto foi construída num curto espaço de tempo: 10 anos, se muito, entre 1962 a 1972. Quantitativamente pequena, revela-se ao mesmo tempo, instigante e moderna, despertando a curiosidade de muitos que dele só ouviram falar pela importância que adquiriu no contexto da cultura brasileira e pela violência com que partiu. Por isso é possível afirmar que seja contemporânea. Mesmo que seja contraditório.

Em vida, não publicou um único livro de poemas, mas teve seus textos pesquisados com profundidade pelos mais diferentes estudiosos. Posteriormente surge um bom número de poemas reunidos em dois livros. Um deles, O Fato e a Coisa, foi concebido pelo poeta. O outro, Juvenílias, reuniu a intensa e variada produção de um poeta ainda jovem, imaturo, embora brilhante e intenso na profundidade de seus pensamentos, sentimentos, emoções e expressividade.

Na música popular brasileira, seu cancionário contava em 1972, com trinta e quatro músicas editadas e gravadas. No acervo artístico recém- liberado foram encontradas perto de cem títulos ao todo, que revelam novas facetas de um criador polêmico, ao mesmo tempo renovador.

No cinema, seja como roteirista, diretor ou ator sua presença marcante ficou reduzida pelo tempo, escasso, e pela tecnologia super 8, no sentido de ganhar uma maior amplitude. Como pôde, fez um cinema primitivo, experimental, nem por isso menos intrigante.

Foi poeta, jornalista, roteirista, cineasta, ator, nos tempos de um Brasil sob trevas, oprimido e opressor; em luta por liberdade de expressão, de ir e vir e por democracia.

Depoimentos de diversas personalidades artísticas, parentes, amigos, pessoas tocadas pela sua obra, melhor falam sobre ele, sua arte e trajetória.

Décio Pignatari, poeta, ensaísta, teórico da comunicação concedeu entrevista ao também poeta e jornalista Régis Bonvicino, em 1982, exclusivamente sobre Torquato Neto, a qual segue transcrita:

“Como você situaria Torquato? Um poeta letrista ou um poeta que fazia poesia escrita?”

Torquato era um criador-representante da nova sensibilidade dos não-especializados. Um poeta da palavra escrita que se converteu á palavra falada. Não só a palavra falada idioletal brasileira mas a palavra falada internacional. A palavra falada do Português do Brasil - e não o brasileiro, fosse piauiense, baiano, carioca ou paulista. Não era de folclorizar a língua. Nisto seguia João Gilberto mais de perto do que os seus companheiros baianos. Era mais de ideologia do que de magia.

O trabalho de Torquato representa, a meu ver, a projeção de certos modos de operar da arte construtivista, como a montagem, numa sensibilidade pop. Você concorda com isto?

Talvez que o pop-construtivismo seja insuficiente para caracterizar o traço distintivo de Torquato, já que poderia ser aplicado a outros, na música e fora dela. Mas se aceitarmos a ideia, que me parece interessante, ele estaria mais para Antônio Dias do que para Hélio Oiticica. Torquato não confundia Oswald de Andrade com Zé Celso. Outros podiam esconder a cabeça. Ter receio de parecer high brow. Não Torquato. Seu repertório cultural era mais amplo, seus roteiros mais seguros. A expressão geleia geral, que criei e empreguei em 1963, numa discussão com Cassiano Ricardo, ao expulsá-lo da revista Invenção, transformou-se num miniprograma crítico-criativo para Torquato, que não só a utilizou na letra famosa dos templos da Tropicália, como com ela batizou a coluna que manteve na Última Hora, do Rio de Janeiro. Seu modo de proceder na montagem/colagem/bricolagem tinha uma certa orientação, não era errático.

Você afirmou, num de seus últimos artigos, que Oswald de Andrade foi o elemento radicalizador do processo de renovação empreendido pelos nossos modernistas. Este mesmo raciocínio poderia ser transposto para Torquato em relação ao Tropicalismo?

Não sendo cantor ou compositor é provável que se sentisse atraído para uma visão cultural mais ampla, uma vez que seu engajamento crítico-criativo não podia compromissar-se com a necessidade de manter a "solidariedade baiana" do movimento. Embora reconheça nele uma vocação para o radical, não acho que tenha representado a função oswaldiana a que você se refere. Se houve tal ponta-de-lança radical, ela foi antes representada por Rogério Duprat. Quem ouve música e não apenas letra pode constatar isso. Em complexidade e qualidade, não há nada semelhantes aos arranjos de Duprat na MPB. Prefiro dizer que Torquato foi o Mário Faustino do tropicalismo, o Mário tragicamente morto dez anos antes. Ambos, mortos vocacionais.

Qual a importância de Torquato como articulista, polemista, e ator, para o surgimento de um novo cinema (Rogério Sganzeria, Júlio Bressane) em oposição ao "cinema novo"?

Separado dos baianos, migrou para outros códigos. De sua coluna na Última Hora carioca, infelizmente de curta duração, abriu fogo contra o cinema novo, que já estava se academizando nos cargos e verbas oficiais. E apoiou a marginalidade dos experimentalistas (e isto poderá ter-lhe custado a coluna), como Sganzeria. Bressane, Ivan Cardoso, Luis Otávio Pimentel que representavam o lado urbano universalista do cinema brasileiro. Como ator, foi Nosferatu vampirizando baianos, no super-8 do Ivanzinho. Como editor, estava montando, junto com Waly Salomão, a Navilouca. que Caetano viria a co-patrocinar depois, como homenagem póstuma. Com sua morte prematura completou o retrato falado de um cult artist.

Você me contou, em conversa, que esteve com Torquato na véspera do suicídio. Fale um pouco sobre isso.

Poucos contatos tivemos no início. Calado, recolhido, tímido. A diáspora dos Beatles. A desastrosa senão desastrosa viagem a Londres, o rompimento com os baianos no duro exílio, onde também os visitei, em 70. As mortes de Jimi Hendrix e Janis Joplin. Foi nos últimos dois

anos que tivemos ligação um pouco mais estreita, eu lecionando na ESDI, ponte aérea. Naquela noite a de seu aniversário, tínhamos assistido a um filme cinemascópico do Sganzerla (de que não gostei, dizendo que me lembrava A Queda do Império Romano...). Por alguma razão careta, eu estava de saco cheio e não quis ir à festa. Combinei com Luiz Otávio para ver, no dia seguinte, às dez da manhã, no Cine Zero Hora, da Avenida Rio Branco, o seu curta sobre Oswald. Era um sábado, acho. Disse-me que deixara Torquato em casa de Ana às 3 da madrugada. Vi o filme e me mandei rapidinho para o Aeroporto Santos Dumont. Em São Paulo, mais do que depressa, fugi para o meu estúdio, recém-inaugurado, a 30 km de distância. Era novembro, eu estava ultimando a minha tese de doutoramento. Semiótica e Literatura, juntamente com uma tese subsidiária sobre cinema, onde pela primeira vez se levava a sério a obra deles no âmbito universitário. Voltei para casa no domingo à noite, quando li, estupefato, na seção de arte de um jornal paulistano, a manchete: Enterrado Torquato Neto. "

Como é, Torquato, texto de Augusto de Campos, poeta, é essencial ao conhecimento da personagem artística de Torquato Neto:

"Você também se foi
"desafinando o coro dos contentes do seu tempo"
como eu dizia nos bons tempos de 68
sousândrade no ouvido
(estrofe 61 do inferno de wall Street)
mas logo agora
alguns dias depois que o velho Pound se foi
deformado e difamado
pela cozinha litero-funerária dos jornais
por um erro
entre tantos acertos
neste deserto
com tantos lite - ratos dando sopa
se vendendo por um lugar ao sol
você deu as costas ao lugar e ao sol
proclamo mas reclamo
a morte nos fez mais uma falseta
mas não pensem que isto é um poema
só porque estou cortando as linhas
como faziam os poetas
isto é apenas uma conversa no deserto
parte da conversa que a gente não teve em 4 anos
vou falando e parando onde devo parar
seria fácil glosar tuas próprias letras
cheias de tantas dicas de adeus
adeus vou pra não voltar
a vida é assim mesmo
eu fui-me embora
eu nunca mais vou voltar por aí
difícil é conversar agora

você sabe há quanto tempo a gente não se via
fui ouvir de novo as tuas coisas
“louvação” & “rua”
No primeiro LP de Gil
“zabelê” & “minha senhora” (com Gil) & “nenhuma dor”
(com Caetano) no primeiro LP de Caetano e Gal
“domingou” & “margália II”
No primeiro disco tropicalista de Gil
& mamãe, coragem com Caetano, Gal cantando
Tão grandes quanto antes
& “a coisa mais linda que existe”
(com Gil) no LP de Gal (1969)
& “ai de mim copacabana” num compacto com Caetano
Meu estoque termina aí
(não tenho o “pra dizer adeus”)
e recomeçava agora com macalé
Let's play that
Uma obra - filho - e algumas primas
você olha nos meus olhos e não vê nada
não “não posso fazer a troça
na boca uma lasca amarga”
mas também não quero repetir a conversa de maiacóvski
com iessiênin (é muito arriscado)

estou pensando
no mistério das letras de música
tão frágeis quando escritas
tão fortes quando cantadas
por exemplo “nenhuma dor” (é preciso reouvir)
parece banal escrita
mas é visceral cantada
não é a palavra falava
nem a palavra escrita
a altura a intensidade a duração a posição
da palavra no espaço musical
a voz e o mood mudam tudo.
A palavra-canto
é outra coisa
“minha namorada tem segredos”
&
Minha amada idolatrada
Salve salve o nosso amor
Já antecipava, os antihinos
salve o lindo pendão dos seus olhos
como você diria depois

mas você tem muito mais
um poeta só um poeta tem linguagem pra dizer
eu quero eu posso eu quis eu fiz
feijão, verdura, ternura e paz
tropicália bananas ao vento
um 'poeta desfolha a bandeira
agora você se mandou mesmo
para não mais voltar
(deixe que os idiotas pensem que isto é poesia)
nem a são paulo nem a esta
espaçonavelouca chamada terra
tenho saudade
como os cariocas
do tempo que sentia
sim a euforia se foi a alegria
era a prova dos nove
mas fomos todos reprovados
VAI BICHO
nós por aqui vamos indo
naviloucos
poucos
ocos
um beijo preso a garganta
no doce infelicídio da formicidade
DESAFINAR
Medula & osso
O CORO DOS CONTENTES
com geléia até o pescoço”

Para Ana Maria Silva de Araújo Duarte o poeta-amigo-parceiro Waly Salomão escreveu
TORQUATO NETO ESQUECEU AS ASPAS:

A morte de Torquato foi um bruto choque para mim e no mesmo aziago novembro do mesmo aziago 72 eu caía e era torturado na delegacia do 4º. Distrito Policial do centro de São Paulo, cidade fundada por abnegados jesuítas.

Torquato Neto, êta muleque indigesto. Sua morte: Foi uma citação pura e simples. Foi um snapshot intersemiótico. Um fotograma de cine-poesia. Astro doido a sonhar. O nosso moço das ânsias. Pobre? Fauveí Fauve? Fraco herói underground. Fraco? Forte herói underground. Leão alado sem juba. Tornado. Brutalidade-jardim. A1iás Brutalidade-jardim era a cintilação oswaldiana preferida por T.N.

Vai, anjo gauche, dismantelar o coro dos contentes e fazer uma fusão de C.D.A. e Sousândrade e recusar o mesquinho lugar ao sol dos macaquitos orgulhosos, realistas cínicos e vulgares. Sua coluna "Geléia Geral" se constituiu no mais vibrante vento durante a ditadura

militar enquanto as forças cegas indomadas soltas, enquanto a retórica tradicional da velha esquerda lamentava fazer escuro, Torquato desatinava e desafinava o coro dos contentes.

O mundo moderno foi forjado por dois históricos: Lutero e Don Quixote. Aqui é o fim do mundo da contra-reforma, da entrada retardada no capitalismo e a figura emblemática para nós é o cavaleiro da amargura. Aqui até a tradução de "empreendedorismo capitalista" acaba sendo mesmo capitalismo de entre penúrias, dentre paupérias. O fim do mundo: pedir a benção antes de ir dormir, rezar o terço, a novena, a trezena. Viver no Piauí como se fosse uma penitência-flaqelo-pesadelo de um enredo kafkiano: um decreto do Imperador abrigando a cumprir a sina de confinamento canicular.

Tor, o poeta que se cria vidente, desferrolhado, indecente. Vai, dizia a poesia e ele foi e ele vai, magro e longo e àspero grafismo, natural de Tristeresina, nosso Cavaleiro da Triste Figura de Pindorama, coberto pelos escudos e armaduras poéticas dos livros que traçava. Pálida traça de livros. Qual Don Quijote de la Mancha, Tor também lia o mundo para demonstrar os livros e procurava viver numa contínua vertigem passional. Pois é. Pois é: o poeta tinha que desembaraçar qualquer Dulcinea dei Toboso das embiras e cipós e lianas da floresta de signos. O poeta sendo sabido através dos livros como aquele que acima das diferenças estabelecidas religa as similitudes malocadas das coisas. "Correspondances" de Baudelaire radicalizada como analogia entre poesia e loucura. Programa a ser cumprido ao pé da letra, literalmente.

Partir satisfeito dum mundo onde a ação não é irmã do sonho. Destino decretado desde a estação de partida, como se estivesse carimbado desde o começo no bilhete da viagem-vida. Da primeira à última cantiga sempre o mesmo motivo obsessiva subjacente - e sempre outro vértice da mesma cantilena - é sempre um pra dizer adeus moto perpétuo - seu epitáfio antecipado. Mas isto só foi percebido depois do FIM, rebobinando o filme detrás pro começo, agora que já se sabe o enredo completo. De qualquer forma, sempre me chamou a atenção o fato de que dentre as minhas letras de música, a predileta de Torquato era "Vapor Barato", aquela obsessão que diz que está indo embora. Sustância da poesia versus fala coagulada que nos rodeia dita erroneamente fala corrente. Que a poesia nos desoprima.

Dunas do Barato, o cenário de doideira que instauramos no Pier de Ipanema e Torquato marcava presença e depois rumava para o jornal " Última Hora" na Rua Gomes Freire, Lapa, equilibrista que aparentava lidar bem com o acúmulo de contradições, transitando entre a praia alternativa e o mundo assentado, na grande imprensa e na nanica, LSD e champagne no reveillon da Regina Rosenburgo Leclery e cachaça e tira-gosto nos bares pés-sujos. Ora, qual o quê, ou como diz o lugar comum, as aparências enganam.

Ele, o santo guerreiros que bem sabia pelejar para abrir campo para Sailormoon, Helio Oiticica, Ivan Cardoso, Jorge Salomão, Julio Bressane, Rogério Sganzerla, José Simão, Luiz Melodia, Luciano Figueiredo, Oscar Ramos e que sabia vibrar seu porrete de madeira de lei sobre a frouxa fase terminal do cinema novo..... ele morria de medo de ser desaprovado aos olhos da mãe medusa tirana que atendia pela graça do nome bíblico de Salomé e que semelhava em mais de um aspecto à mãe de Charles Enivrez-vous Baudelaire.O temer fulminante de se constituir no Idiota da Família.

Todas as crônicas, poemas, rascunhos, confissões do sanatório que depois dei o título polissêmico "D'Engenho de Dentro", tudo tinha de ser cancelado, borrado, apagado, queimado e Ana Duarte resgatou da lixeira pouco antes de ser incinerado tudo o que veio depois a constituir a volume que ela e eu organizamos: "Últimas Dias de Paupéria". O cuidado de queimar no fogo purificador, de passar a limpo, de esvaziar sua vida de toda erva daninha, de toda mácula, de toda sujidade, como nessas operações policiais denominadas "Operação Limpeza", para que intacta, quer dizer vazia, a vida pudesse depor no tribunal teocrático. Quando editávamos juntos a NAVILOUCA, edição primeira e única, Torquato apareceu um dia depois de uma internação em sanatório com o cabelo completamente tosado, um skin head avant-a-1ette, e eu sofri uma premonição terrível e insuportável de uma ovelha negra tosada se oferecendo ao cutelo do matadouro. INQUISITORIAL. ; fazendo do final da sua vida uma fogueira de um auto de fé. Torqua se transvestiu em seu próprio Torquemada? Laivos de catolicismo ibérico medieval?

O medo de ser doido aos olhos da mãe suserana. Ser feliz é ser capaz de olhar para si mesmo sem medo. O medo exclui a felicidade e inclui a melancolia. O doce moço pálido. Doce? Escorpião sobre si mesmo. Escorpião encravado em si mesmo. O doce moço tímido-audaz morre soterrado em suas perplexidades, mas seus recados, bilhetes não constituem nota de culpa para ninguém. A vida do moço estava contida num vaso delicado que se partiu, eis tudo: a morte não é vingança. Nos momentos de demiurgia verbal, ele dizia ser o poeta mãe de todas as artes e manhas. Assim seria crível uma criatura feita de uma substância tão espantada que foi pela mediocridade satisfeita entoante do "Pra frente Brasil" ? Apocalipopótese foi o nome inventado pelo designer esotérico Rogério Duarte para o espírito daquela época. A sôfrega ânsia por um juízo final que suspendesse o curso das coisas banais dos dias o anúncio contínuo de que todo dia é dia D, um carpe diem negativo, sob a espada de Dâmocles, embaixo do poder das armas, como dia do raio que o parta do desembarque, do desmanche, do desabar. Um dia D despido de qualquer sinal triunfalista da vitória do desembarque aliado nas costas da Normandia na Segunda Guerra Mundial. Um dia D mais aparentada com as crenças e superstições do catolicismo popular messiânico. Que dia D é esse? Aquele que qual num filme de Superhomem, o resultado da batalha de Alcacerquibir é revertido e Don Sebastião reaparece redivivo glorioso e doma as forças cegas e instaura neste dia D o Quinto Império? Que dia D é esse? Aquele em que as promessas do mito do Sagrado Coração do estandarte do Divino se realizarão? Porque este repentino surtar de um dia D, porque a fixação temporal, e não a eleição fictícia dum espaço lugar, o lá de "L" Invitation au voyage"?

Quando Gal -Fa-tal- estava em cartaz, Torqua agradeceu publicamente (vide coluna Geleia Geral) ao poeta Sailormoon, autor das gigantescas palavras-destaques da show, por tê-la feito recuperar a fé nas palavras. Ora, pois, um poeta que perde a fé nas palavras, sílabas, letras, sentenças está quase a tosar máquina zero sua possibilidade de poesia. Poesia: genuína operação anti-afasia. Por inabilidade para suportar banalidades evidentes, o poeta forja uma linguagem e tenta revigorando as pa1avras, sílabas, letras, sentenças se salvar. Resta a aporia: ou ilusão idealista ou abismo mudo. Mas a poesia não salva nada nem ninguém, ela somente supre o buraco da perda das certezas. Ácidas e mais ácidos roeram as certezas. Enquanto isto, o poeta não se cura de si. O nascido sob o signo de escorpião. Encurralado por um círculo de fogo que se aperta cada vez mais, o escorpião para não morrer torrada crava o ferrão em si mesmo.

The dark side of Torquato Neto and his death drive. Para os vivos, a morte só é entendível até um ponto, aí então entra numa espiral opaca. Em vida, uma das coisas que Torqua mais detestava era pieguice e "piegas" era uma das etiquetas que ele mais usava para colar em tudo que não aturava. Anos e anos após Torquato morto, Helio Oiticica falava do amigo com o verbo sempre no tempo presente. Exclamava: Torquato é de amargar.

Poesia-experiência. Nunca supus que isto que chamam morte tivesse qualquer espécie de sentido...Depois que Mário Faustino morreu explodido dentro de um Boeing se desvela o sinal da velha cantiga de roda que insistia em premonir "manda buscar outro, ó maninha, lá no Piauí." A poesia enquanto lâmina laboratorial se transmuda na GELLETE (please, é assim mesmo GELLETE, de geleia) que corta dos dois lados. E a volta da Praça do Lido ou a ronda da Via Apia que o ser humano perigosamente vivo e de coração mais aflito entende e faz pois já sabemos que a poesia é um pássaro versátil e bem pouco snob, capaz de fazer seu ninho em qualquer canto. Escuma de alma á beira da agonia.

Mas isto tudo soa demasiado literário se ao lado das semelhanças - piauienses agônicos - não se divisar as disjunções. A militância de Mário Faustino de página inteira no Suplemento Literário do Jornal do Brasil entre 1956 e 1958 estava bafejada pelo mesmo otimismo desenvolvimentista que criou Brasília, Iseb, planos quinquenais, Bossa-Nova, plano piloto da Poesia Concreta, Sudene, paideumas. M.F. se dirigia ao público com uma clareza didática, clínica, procurando influir, possuído de um ânimo cirúrgico: "Aqueles que, como nós, acreditam ser a poesia uma arte; e ser o poeta não uma " prima-dona" e sim artesão honesto..."

Motivando o leitor para um aprendizado consciente, escoreito, apolíneo. Com Torquato, o tom da coluna "Geleia Geral" no jornal "Última Hora", 1971-72, já é totalmente exasperada, descrente de qualquer função didática, kamikaze, marcando agressivo as diferenças e se dirigindo aos leitores hipócritas muitas vezes com um " Alô, alô idiotas" mais que merecido se for levado em conta as cisões da ditadura militar esquizofrênizante. Época de obliteração da anterior distancia sujeito-objeto, o próprio poeta sendo o corpo da poesia, o poeta sendo o poema. Nosferatu de Murnau desce, via Ivan Cardoso, no Brasil empestiado e se apossa tanto tanto de Torquato que vira sua logomarca definitiva, Nostorquatu.

O Plano-Piloto e o modo de operar homólogo à uma agência de publicidade (vide coluna GELEIA GERAL) e o delírio e rigor tudo isto parece o papel público de Leminski contido num maior abandonado com uma carência descomunal e a sensação onipresente do tempo devorador que nem o papel público de Cazusa. Salta um misto quente pra viagem. Poesia, pois é, roça necrofilia. E rima também com. Morrer talvez seja voltar para a poesia. E melhor antes morrer de vodca ou fogo paulista ou prisa de gás do que morrer de tédio.

Um dia depois do outro. Ele e o então ator e hoje advogado Zé Português, um dia se travestiam alegres e jocosamente na Cinelândia e no local de pegação Cine -Hora, de "Heló e Dirce", filmado em superoito por Luiz Otávio Pimentel. No dia seguinte, era o revertério de T.N. : culpabilizado, deprimido e melancólico. Eu tentava rebater este tipo de fossa com uma brincadeira chula e de duplo sentido: - Tem culpa eu ?

Um Edipo tenta decifrar as inscrições, os alfabetos, as notas, os hieróglifos que a esfinge desenhou com as pontas das suas garras nos lajedos, no leito do Rio Parnaíba, nas palmas das carnaúbas, no canto da juriti, nos gravetos esturricados, na inteira chapada do Corisco.

-Então, doutor, não é possível tentar " L'Anti-Oedipe" ?

-Não vai adiantar nada. E tarde. A Livraria Leonardo Da Vinci ainda não recebeu nem o exemplar encomendado pelo General Golbery por ser uma edição muito recente. Les Editions Minuít acaba de dar a luz neste ano da graça de 1972. Agora é cinzas.

Viver sua vida como se fosse sequência de um filme de Jean Luc Godard, lances de "About de souffle", cenas recortadas de "Le petit soldat" e/ou "One plus one" e o final-remake de "Pierot, le fou". Afogado no bico de gás ou enrodilhado nas bananas de dinamite, tanto faz como tanto fez. O que importa é a imitação da vida da arte. Tor, literalista da imaginação.

Anjo só se for ladino, aí o anjo bate a caçulêta, bate as asas e se manda pra sempre daqui do mundo avistável visível e um qualquer se agarra a pensar no que foi citação e de quem furtado de empréstimo e o anjo de propósito esqueceu de carregar as asas, largou as asas por aqui para quem, bobo, delas queira se servir mas asas, anjo bem sabe, carrega as asas pesadas que nem chumba para baixo e anjo que quer levantar vôo esquece as asas. Aspas pesam as asas e nota de pé-de-página é a bola de chumbo do pé de anjo. Anjo que esquece as asas voa leve nem que o vento que o carregue venha de outrem. Anjo que esquece as asas permite o jogo da adivinhação.

Assim falava Carlos Drummond de Andrade: Nunca amei nada na vida / quanto aquele pássaro /que vinha azul e doido /e se espatifou nas asas do avião.

Assim falava Manuel Bandeira: E num torpedo-suicida darei de bom grado a vida.

Assim falava Décio Pignatari: Alguém tem de ser medula e osso /Na Geleia Geral brasileira.

Esquecido as asas Torquato Neto fez uma releitura literal / Brutal brutalista /Agônica /Brisperada dessa trinca papafina poética.

Torquato Neto encarnou o Cristo que o João Batista de 3 cabeças da poesia brasileira prenunciava. TN se transformou no esboço mais completo quase do mito de poeta CULT do Brasil.

O ensaio produzido pelo poeta e compositor curitibano Paulo Leminski, **Os últimos dias de um romântico**, publicado na grande imprensa dez anos depois da partida de Torquato trás um enfoque interessante da obra do poeta conferindo-lhe novos significados no contexto da cultura brasileira:

Torquato Neto é, talvez, o único mito poético dessa geração que aí está, "mito", aqui, no sentido originário de figura-síntese de uma ideia com força e valor coletivos. Arquétipo. Modelo. Forma-cristal. Para esta geração(como delimitá-la?).Torquato encarna um dos mitos mais caros da nossa gente: o mito do poeta morto jovem. Esse mito, de extração romântica, tem uma linhagem que começa no Werther de Goethe, passa por Musset, Nerval, e, entre outros, por Álvaro de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Augusto dos Anjos, Cruz e

Sousa, os “prematuramente desaparecidos”, em contraposição às prósperas longevidades de um Drummond, por exemplo.

Esse mito, certamente, é um pálido reflexo de mais profundo mito do mundo mediterrâneo e, por extensão, do Ocidente: o de um Deus jovem, que dá a vida pelos que nela crêem: Adonis, Osiris, Jesus. Essa ideia para um chinês, um oriental, um budista, é perfeitamente absurda.

“Credo quia absurdum”. Nós todos acreditamos em Torquato. Afinal, a auto-imolação não é um gesto ao alcance de qualquer um.

A vida de Torquato não interessa. Não interessa a vida de ninguém. Eu não aceito esse ponto de vista. Acho até que, em certos poetas, o desenho da vida pode ser um poema: não se escreve só com palavras; grava-se com o corpo, o gesto, a atitude, o comportamento, sartreanamente, com as escolhas globais.

Tem poetas nos quais nos importa, soberanamente, o que fizeram. Tem muitos onde importa, também, a peripécia contextual que cerca seu fazer e seus feitos: a gesta total, o ser signo inteiro.

O que se sabe de Torquato: um poeta de província; um dos letristas da Tropicália, suicidou-se, parece. Pouco se sabe de Torquato. Felizmente. Mito que se preza não tem biografia. As biografias tem a irritante mania de reconduzir os mitos das suas rarefeitas altitudes para as platitudes da humana condição. Vai ver, no fundo Torquato era pessoa como qualquer um de nós, esse Qualquer Um de Nós que pena atrás de grana, engole cara feia de patrão e exulta, como os escravos, no dia da distribuição dos pães. Conhece “aquela pessoa”. Deixa traços de sua passagem. E passa.

Ainda brilha o dia tropicalista, que raiou na poesia brasileira, nos idos de 68. Foi a época em que todos nós começamos a nos tratar de loucos. Até ali, loucura era insulto. Nós desfraldamos a loucura com o fervor de quem empunha uma bandeira. Freudianos, a loucura foi igual para todos. Mais alguns foram mais loucos que os outros. Não há democracia no reino da loucura. Torquato foi um príncipe da loucura, um Ludwig da Baviera no Posto Seis. E lá estava Torquato nos alvares do dia tropicástico, tropicalmo, as mãos cheias de versos, frases claras, frases raras, armas, araras. Torquato marca uma mudança radical, um salto qualitativo, na história disso que se chama, na falta de termo melhor, poesia brasileira. Poesia que, hoje, não apenas se lê nos livros, mas se escuta nas canções, nos discos, nos rádios, na TV, na vida, enfim. Torquato tem muito a ver com isso.

O seqüestro da poesia pela literatura foi longo como o seqüestro dos diplomatas norte-americanos pelos iraquianos do Aiatolá Khomeini. No Brasil foi o Tropicalismo que a libertou. Com esses des-movimentos (que cuidou do próprio enterro, encenado na TV, pelas suas principais estrelas), irrompem na cena brasileira, como é de conhecimento de todos os leitores de “Folhetim”, poetas de primeiríssima ordem, se expressando não em livros, mas em discos. Bota Chico Buarque nisso. Absolutamente, Caetano e seus companheiros, Gil, a seguir Capinam, Tomzé, o que a gente tem vontade de acrescentar, tudo de melhor que, em letra,

veio logo depois: Galvão dos Novosbaianos, Waly Salomão, Duda Machado, todos letristas do período pós-tropicália.

Porque, com Torquato, começa a existir essa estranha estirpe de poetas: os letristas. Patrulhas dos mandarins das Belas Letras gostariam de lhes negar até o prestigioso título de poetas. E relegar a poesia da letra de música ao subsolo da subliteratura.

A poesia da letra de música seria fácil, carregada de redundância e banalidade, laborando sobre sentimentos elementares, girando em torno de meia dúzia de situações prototípicas: *by-meets girl*, que bom ela me ama ,azar, ela não me ama mais ,como era bom como ela me amava, quem me dera uma paisagem assim e assado para transar com meu amor, as aventuras e desventuras daquele amor romântico, inventado pelos trovadores provençais, os antepassados diretos dos músicos e poetas do mundo pop.

Só que a arte desses trovadores provençais (Arnaut Daniel, por exemplo) em nível de palavra é de teor tal, que coloca alguns deles entre os mais altos criadores da lírica de todas as épocas.Com ou sem música. Dias atrás, li, numa das principais revistas brasileiras, a resenha de um disco de Chico Buarque, na qual o comentarista falava da poesia de Caetano, botando a palavra “poesia”, entre aspas, acrescentando ainda um “digamos”, a “poesia” de Caetano. A questão é saber: mantemos ou tiramos as aspas quando falarmos da poesia (ou da “poesia”) dos letristas e poetas músicos?

A geração à qual Torquato pertence, Caetano à proa, respondeu criativamente, inundando o país com letras e canções de tamanha estatura poética que fica difícil achar paralelos na poesia escrita do mesmo período. Os mandarins vão ter que dormir com essa.

Mas a hostilidade dos mandarins, guardiães da coroa de louros de Apolo, provocou o excesso contrário: o menosprezo pela poesia escrita que, de Gutemberg à poesia de vanguarda, tem uns quinhentos anos de evolução autônoma e especificidade, diante da poesia da letra de música.

A poesia escrita é uma criação gutenberguiana. Afinal, até o soneto foi feito, no início, para ser cantado. “Soneto é em italiano, um “sonzinho”.

Mas a métrica, na poesia escrita, não se explica, se esquecermos que a poesia, nas origens, era “*words set to music*”, palavras para cantar. A ponto de Ezra Pound, um poeta e músico, advertir que a poesia decai, quando passa muito tempo afastada da música, sua matriz e destino.

No Brasil dos anos 60 para cá, a poesia cantada e a escrita tem dialogado de modo fecundo, em inúmeros momentos. Basta invocar os conhecidos contatos, Por exemplo, entre Caetano & Gil e a poesia concreta paulista (Caetano em Sampa, introduz, na música popular a própria expressão “poesia concreta”). Ou entre a poesia de Chico Buarque e as de Drummond e João Cabral. A essas influências da poesia escrita, acrescentou-se, nos anos 60, a da poesia de Oswald de Andrade & Antropofagia, ressuscitada por reedições e encenações de peças.

A mais conhecida das letras de Torquato, a “Geleia Geral” (o nome foi emprestado por Torquato de Décio Pignatari, que cunhou a expressão no editorial de uma revista “Invenção”) é

oswaldiana até a medula. No ufanismo irônico. Na enumeração kitsch-caótica das “reliquias do Brasil”. A mesma dança, ano que vem, mês que foi. A marca oswaldantropofágica, porém, está na própria linguagem de Geleia Geral: na técnica de cortes, de flashes, de montagens cinematográficas, de rimas-trocadilho(inicia/anuncia),de malandragens verbais.

Geleia Geral traz estes dois versos: “resplandente cadente fagueira num calor girassol com alegria” .Percebe-se que a cafona palavra “fagueira” vira “fogueira”, quando você ouve/lê o ígneo verso seguinte. E esse “cadente”se transforma num incandescente “candente”. Alta era a arte de Torquato, poeta das elipses desconcertantes, dos inesperados curtos-circuitos, mestre da sintaxe descontínua, que caracteriza a modernidade.

Jovens poetas do Brasil, quem não fez um poema em homenagem a Torquato, atire a primeira estrofe. A morte de Torquato foi um grande poema, suicídio, a performance máxima. A destruição da vida para transformação em mito, como nas “Metamorfoses” de Ovídio, onde os personagens morrem só para se transformar em constelações, em estrelas.

A garotada pegou o recado. Torquato é meio-deus para vários poetas jovens que eu conheço. O odelo de sua vida integralmente dada à experiência poética, no fundo, a “trip” do barco bêbado do Rei Arthur, Arthur Rimbaud. Um grande sábio um dia disse que o signo é a morte da vida. A vida é curta, o signo é longo.

Como Buda, Confúcio, Sócrates ou Jesus, Torquato não deixou livros. O Livro de Torquato é esse “Os Últimos Dias de Paupéria”, muito bem editado por Waly Sailormoon, vitrina dos vários possíveis de Torquato; em letra, poesia escrita, ensaios jornalísticos, fragmentos de diário, retrato estilizado de um poeta por outro poeta.

Essa – digamos – precariedade do “corpus torquatiano”(para falar como os mandarins é um fato de mistério :a incompletude, a obra-aberta, o poder ser. Talvez por isso Torquato tenha influenciado tanto.

Isso que se chama, imprecisamente, de “poesia marginal” o invoca entre os santos de seu panteão, quando não como “heros ktistes”,deus fundador. Morto aos 28 anos, Torquato deixou fragmentos, “rari Nantes in gurgite vasto”, “disjecta membra” cacos de uma explosão nuclear existencial. Mas a realidade, aí, foi de uma grande elegância e precisão. Atingido em cheio pela bomba da modernidade, Torquato dispersou-se em microepifanias, letras, poemas, textos de jornal. O que só aumenta seu prestígio numinal diante de uma geração televisiva, marshal-mcluhaniana, descontínua, paratática.

A flor que foi cortada antes do tempo é emblema de todas as virtualidades. Torquato é a divindade que na poesia brasileira, preside o pose-ser.

Se Torquato é o mártir da poesia cantada brasileira, Mário Faustino é o seu desastrado (“hectatombado”) equivalente na área escrita. Desaparecido em desastre aéreo, Faustino deixou para atrás de si o perfume de uma militância poética, que teve seu auge no caderno B do “Jornal do Brasil”, na época de Reinaldo Jardim, quando Mário, diretor, abriu espaços e tempos para o que de mais radical se fez e se fazia. Aberto tanto para o melhor passado quanto para o mais agudo presente, o suplemente de Faustino foi um momento histórico.

Poundiane, Mário Faustino imprimiu no Caderno B do JB uma diretriz clara, seletiva, paideumática, a única que tem “virtú” para atuar como agente da transformação da cultura: escolhas radicais, a partir de critérios precisos. Como poeta, “último verse-maker”, como o chamou um companheiro de geração, Faustino deixou uma produção incompleta e fragmentária, sílabas para uma palavra que se ia chamar “O Homem e sua Hora”, macropoema, ao molde dos “Cantos” de Pound, que deveria sintetizar a experiência vital do poeta num todo significante.

Contemporâneos, em alguns aspectos, Faustino é o oposto de Torquato. Torquato é popular, “reles”, pop, para tocar no rádio, sermo plebeius. Faustino é “sermo nobilis”, aristocratizante, altamente letrado, cheio de laivos da geração de 45 (helenismos, palavras raras, preciosismos de expressão, anticolóquialismo). Na poesia provençal medieval, distinguia-se entre um “trobar léu” e um “trobar clus”, o poetar leve, o poetar rico e o poetar escuro.

O “trobar léu”, o poetar leve, era o mais parecido com isso que, hoje, é o normal na letra da música popular: o verso fluente, fácil de entender, pop. (ver os trovadores Marcabru, Guilhaum de Peitau, Peire Vidal). Palavras solenes e sintaxe elevada, o “trobar ric”. Clus era o “trobar” difícil, não acessível à primeira audição, seja pela complexidade “metaphysical” ideia ou pelo abstruso da imagem, da alusão, pela raridade da palavra ou pela extrema arquitetura musical do edifício verbal da letra (Arnaut Daniel). Nessa lógica “trovençal”, Faustino pratica um “trobar ric”, com ocasiões de “clus”.

Torquato é “léu” e, às vezes, “clus”. A co-existência dessas duas diferenças entre dois grandes poetas contemporâneos deve ser altamente didática para todos aqueles que querem reduzir a poesia a um só momento, a um só “trobar”.

Em passado “Folhetim”, num ensaio “Forma é Poder”, denunciei a suposta objetividade da linguagem jornalística, mostrando como esse efeito é precipitado de uma codificação de linguagem, uma cristalização canônica de recursos, que, estabilizando o discurso, transmitia a sensação de “realidade”. Jornalismo não tem estilo. Ora, o que há no mundo da inteligência são as especificidades de cada consciência. Todas as cabeças “são estilos”.

A linguagem jornalística é imposta por uma autoridade: um Poder. Mas pode-se dinamitar essa tirania: por dentro, na linguagem. De pronto, lembro três momentos: os jornalisismos de Oswald de Andrade, de seu herdeiro, Paulo Francis, e o de Torquato. Na coluna que longo tempo manteve no jornal Última Hora, Torquato praticou, em nível de massas, a mais ágil das linguagens: esplendidamente “subjetiva”, descontínua, ideogrâmica, blocos carregados de eletricidade. Movida a elipses, elipse, a figura-mestra de Torquato conduzida até a elíptica apoteose da auto-eliminação final, o efeito da falta.

Não exagero dizer que Torquato criou um padrão de jornalismo cultural. Um padrão baseado na extrema criatividade de linguagem. Na hibridização dos discursos: poéticos, fatural, materiais nobres x pobres. Esse jornalismo torquatiano estava a serviço de uma causa, a promoção do super 8 e do cinema marginal, periférico às glórias e consagrações do Cinema Novo, em vias de academização, comercialização e caretice. Breve, nas telas deste cinema, Torquato Neto.

Não diz pouco da grandeza do poeta Torquato dizer que sua última grande preocupação foi o cinema, essa arte não-verbal, mas síntese de todas as artes, destino das artes, conforme Eisentein: destinação do verbal, do gestual, do visual, num só ponto – ômega.

Poesia é ação entre códigos: todo poeta é intersemiótico. É Pound músico e poeta. Maiakovski: poeta e artista plástico.

Em termos de Brasil, século 20, são conhecidas as relações entre Oswald, Murilo e Cabral e as artes plásticas. Ou as tângências e secânicas entre Bandeira e Vinicius e a música. E “concreta” era a pintura, antes da poesia. O poeta não é um escritor: é um artista.

Tímido Nosferatu na calçada de Copacabana, Torquato fez o fadário de todo vampiro que se preza, a sina dos “um-dead”.

Mais conciso que o bilhete final de Maiakovski, o de Torquato diz tudo. Diz quando a vida pode ficar pesada nas mãos de uma criança.

COROAS PARA TORQUATO

um dia as fórmulas fracassam / a atração dos corpos cessou / as almas não combinam

esferas se rebelam contra a lei das / superfícies /quadrados se abrem / dos eixos

sai a perfeição das coisas feitas nas coxas /abaixo o senso das proporções /

pertenço ao número /dos que viveram uma época excessiva

(paulo leminski)

A geléia renovada. Com esse título, Antônio Carlos Miguel, em 1997, aborda o projeto que estava em construção de uma nova edição de textos e trabalhos de Torquato Neto, prometendo “lançar novas luzes sobre a obra do poeta tropicalista”. Diz assim:

Os rastros deixados pelo anjo torto da Tropicália continuam desfolhando a bandeira e influenciando novos criadores na geléia geral brasileira. Em novembro, quando se completarão 25 anos do suicídio de Torquato Neto, a editora José Olympio lançará uma nova edição da obra (quase) completa do poeta e co-autor de clássicos da MPB como “Pra dizer adeus”, “Geléia geral”, “Louvação” e “Mamãe coragem”. Organizado pelo jornalista Paulo Roberto Pires, o livro, ainda sem título definido, aproveita e aprofunda o trabalho anterior feito por Ana Maria Duarte (viúva de Torquato) e o poeta Waly Salomão — responsáveis pelas duas edições de “Os últimos dias de paupéria”, em 1973 e 1982.

Dividido em dez seções, o volume inclui textos da juventude de Torquato que continuavam inéditos, os manifestos tropicalistas, letras de música, escritos sobre cinema, poemas, cartas e diários, oferecendo um painel de sua transgressora, criativa e caótica produção. Mas, como explica Pires, o novo livro não tem a pretensão de exaurir a fonte de Torquato.

— Esta edição tem muitos achados, mas não esgota a obra de Torquato — conta.

— Poderemos ficar indefinidamente achando novos inéditos devido ao tipo de produção dispersiva que caracterizava o trabalho dele.

Algo que se confirmou durante a apuração desta reportagem. Procurado para falar

sobre Torquato, o compositor Ronaldo Bastos lembrou-se de um poema (que o GLOBO publica nesta edição) que ganhara do amigo em Paris, em 1969, e estava guardado em sua casa.

— Torquato e Ana moraram, por um ano, no mesmo hotel, no Quartier Latin, onde eu tinha me auto-exilado — conta Bastos. — Conheci Torquato por volta de 1966, antes mesmo de Milton Nascimento ou de Caetano, a quem fui apresentado por ele. Torquato tinha acabado de chegar ao Rio.

Pires planejava fazer uma biografia de Torquato quando foi procurado pela jornalista Maria Amélia Mello, da José Olympio, que tinha acabado de adquirir os direitos sobre a obra do poeta. A biografia fica adiada, mas a nova edição deve ajudar num novo perfil do poeta.

Um retrato enriquecido pela passagem do tempo

Conjunto da obra revela um Torquato Neto mais rico e complexo do que o estereótipo do ‘desbundado’ dos anos 70.

Por sua postura transgressora e anarquista, Torquato ficou conhecido como um dos símbolos da geração do “desbunde” no início dos anos 70. À luz da nova edição das obras do poeta, este retrato surge redutor da complexa e rica personalidade do jovem artista.

O livro permite a descoberta de muitas sutilezas no trabalho de Torquato, mostrando-o como um intelectual muito mais próximo do que se espera hoje de alguém que pensa a cultura, bem diferente da imagem do desbundado.

- Mas não faz sentido uma atitude reverente, que não tem a ver com a personalidade dele – diz Pires.

Um dos ideólogos da Tropicália, Torquato Pereira de Araújo Neto nasceu em Teresina, Piauí, em 9 de novembro de 1944. No início dos anos 60, se mudou para Salvador, onde concluiu o segundo grau e veio a conhecer os futuros tropicalistas Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Rogério Duarte e Capinan.

Conterrâneo do poeta, o guitarrista Renato Piau (músico que tem trabalhado com gente como Luiz Melodia, Tim Maia e Jards Macalé) ajuda no redesenho do perfil de Torquato Neto.

Uma cabeça brilhante e sempre iconoclasta

- As nossas famílias eram amigas e desde pequeno eu ouvia histórias sobre a inteligência e a cultura de Torquato – lembrava Piau. – Ele foi aluno de inglês do meu irmão e, ao sair de Teresina, já sabia três ou quatro línguas.

Torquato escrevia desde criança e tinha na cabeça trechos inteiros dos seus autores preferidos, de Guimarães Rosa a Drummond.

Como está assinalado no ensaio introdutório “Passagem para Torquato”, os textos do tropicalista são caracterizados por citações literárias ou pela “apropriação violenta e por vezes iconoclasta de outros autores”. A obra de Torquato seria interessante, neste sentido, por suas características mutantes, de não se engessar. Ao mesmo tempo, isso faz com que ela seja de difícil catalogação. Até o rótulo do marginal parece insuficiente para abranger Torquato.

Na tarefa de reorganização desta nova edição todos os critérios foram tirados da obra de Torquato. Ana Duarte e Waly Salomão deram todo o apoio para a nova edição e Waly também contribuiu com dois textos introdutórios.

-O meu desligamento da tarefa de edição me faculta um olhar distanciado sobre o meu grande amigo – diz Waly. – Ana Duarte e eu fizemos o primeiro livro num momento heróico, sobrepujando a dilaceração da perda de Torquato, menos de um ano depois da morte. Hoje, prefiro estar sentado de camarote e fazer a louvação de Torquato Neto com o

trabalho já realizado.

Influência que continua crescendo através dos anos

A obra de Torquato vem crescendo desde a sua morte. No fim dos anos 80, por exemplo, o poema “Go Back”, musicado pelo grupo paulistano Titãs, atraiu novos leitores. Na década atual, sua influência também pode ser notada entre os jovens poetas e os compositores do pop brasileiro. Bruno Levinson, letrista do grupo Coma e produtor musical, lembra de como entrou em contato com a arte de Torquato:

- Adorava “Mãe coragem” e ouvia falar de Torquato, sem ter muita referência, até encontrar a segunda edição de “Os últimos dias de Paupéria” – conta. – Depois, consegui o disco editado pela RioArte, que reuniu as suas principais músicas. Hoje, percebo a influência de Torquato tanto na música de um grupo como o Boato quanto nos novos poetas.

O anjo torto da Tropicália ficaria satisfeito. Uma de suas facetas foi a de sempre ajudar os artistas iniciantes que o procuravam. Renato Piau foi um deles.

- Um dia, soube pelo rádio que Torquato estava em Teresina – lembra. – Pedi a opinião dele se eu teria chance de fazer música no Rio. E Torquato não só me incentivou a vir como me apresentou a muita gente.

O poeta Sérgio Natureza, também parceiro de cantores como Paulinho da Viola e Tunai, conheceu Torquato em Paris, em 1969, e voltou a encontrá-lo no Rio.

- Passei a visitá-lo, na Muda, onde morava. Torquato achava que eu tinha uma musicalidade muito grande e dizia que deveria fazer letra para Paulinho da Viola, o que só aconteceu quatro anos depois, quando compusemos “Vela no breu”.

Natureza também lembra de um encontro numa parada do ônibus para São Paulo.

- Torquato perguntou o que eu iria fazer e quando falei que ia ver uma escola de comunicação que parecia interessante, me interrompeu, “Você não tem que aprender nada de comunicação, as escolas já eram”.

Para os amigos, o suicídio, na madrugada de 10 de setembro de 1972, depois de Torquato comemorar com amigos o seu aniversário de 28 anos foi um choque.

- Eu ria muito com Torquato - conta Natureza. – Ele refletia sobre a realidade, não aceitava os horrores do cotidiano, mas não me passava nada depressivo.

Renato Piau, que esteve próximo de Torquato nos últimos tempos, também nunca entendeu o ato final.

- Num primeiro contado ele aparentava ser muito fechado, demorava a se abrir. Mas, apesar de revoltado com as dores do mundo, era uma pessoa alegre. Não parecia alguém suicida, mesmo que hoje, pelas letras e os poemas, podemos perceber muitos sinais.

Letras, poemas que, como a nova edição do livro reafirma, permanecem vivos. Para Natureza, Torquato soube pegar as lições da Semana de 22, a antropofagia de Oswald de Andrade e jogar na música brasileira.

COLAGEM

Ana Maria de Araújo Duarte, viúva de TN, artista gráfica.

"Conheci Torquato no Rio em 1963, Ele era uma pessoa meiga, doce. O vampiro era somente um personagem, ele não era pessimista nem sombrio. Sombrio era o Brasil naquela época, o que o deixava e a todos nós muito abalados e sem perspectivas. Antes de morrer,

deixou um projeto de um filme, mas começou a queimar tudo que tinha. Um dia fui escondida com a empregada, tentar salvar alguma coisa que não tinha sido incinerada. Ele já se preparava para partir. Acho que ele viveu a intensidade dessa espera sem sofrimento.”

“Ele lutou muito para que as pessoas reconhecessem o Cinema Marginal de Rogério Sganzerla, do Ivan Cardoso, a arte do Hélio Oiticica, brigou pelos direitos autorais”

“Mesmo nos piores momentos, ele estava atento à produção dos outros, e sempre dava a maior força, fosse em cinema, publicações, teatro. Ele não tinha constrangimento em conhecer pessoas novas, nossa casa, sempre estava cheia de jovens. Torquato era uma pessoa muito calma, tranqüila, tinha uma formação intelectual sólida, e sempre fazia o que queria. Sua produção é reconhecida até hoje porque ele dava valor aos trabalhos novos, desconhecidos.”

Wally Salomão, poeta, compositor, produtor cultural, escritor:

“Torquato não ficou confinado num só plano, além da poesia e da música, atuava no jornalismo, no cinema”.

“Ele foi um pássaro de fogo, naquele sentido de Stravinsky, de iluminação e queima, ao mesmo tempo. Teve a visão mais radical da Tropicália, suas letras eram verdadeiros manifestos, um ideólogo com roteiros culturais mais amplos, capaz de misturar títulos de romance vulgar e repertório erudito, de Sousândrade. Ele tinha uma dose muito grande de antropofagia acompanhada de outra, de igual intensidade, de autofagia”

“Seja mania nacional ou legado da cristandade, Torquato ‘Marginália’ Neto recusou esse raio X introspectivo. Seus versos cantam o opaco oposto: ‘você olha nos meus olhos e não vê nada. É assim mesmo que eu quero ser olhado’. Vontade (incipiente ou poderosa?) de Torquato Neto escapar do olho de seca-pimenteira nacional. A tortura do olho grande do vigia. A ditadura do panóptico de Pindorama, ao tiro da mirada paralisante medusadora”.

“Sua coluna ‘Geléia Geral’ se constituiu no mais vibrante vento durante a ditadura militar enquanto as forças cegas, indomadas, soltas, enquanto a retórica tradicional da velha esquerda lamentava fazer escuro, Torquato desatinava e desafiava o coro dos contentes”

“Tor, o poeta que se cria vidente, desferrolhado, indecente. Vai, dizia a poesia, e ele foi e ele vai, magro e longo e áspero grafismo, natural de Tristeresina, nosso cavaleiro da triste figura de Pindorama, coberto pelos escudos e armaduras poéticas dos livros que traçava”.

“Ele, o santo guerreiro que bem sabia pelejar para abrir campo para Sailormoon, Hélio Oiticica, Ivan Cardoso, Jorge Salomão, Júlio Bressane, Rogério Sganzerla, José Simão, Luiz Melodia, Chacal, Luciano Figueiredo, Oscar Ramos e que sabia vibrar seu porrete de madeira de lei sobre a frouxa fase terminal do Cinema Novo”

Augusto de Campos, poeta, professor, tradutor:

“Ele tinha um interesse que saía fora do campo estrito da música popular. Tanto no plano literário, quanto a outros aspectos das artes em geral”.

Arnaldo Antunes, poeta, músico, compositor, cantor:

“O Torquato quase que ficou sendo uma porta para mim, não só pela poesia e pela música, mas também ao ambiente da contracultura, com a qual eu fui tomando contato naqueles artigos que ele fazia para a imprensa”

“Eu me identifico com uma coisa não especializada do Torquato. Escrevia poema para ser lido, para ser cantado, escrevia para o jornal, tinha uma atividade múltipla. E tudo que ele fazia tinha uma intensidade poética muito grande, e também qualidade. Me identifico com a maneira como ele viveu essa coisa”

Tárik de Sousa, jornalista:

“Artista inquieto e radical, Torquato morreria afastado de Caetano Veloso e Gilberto Gil, com quem fizera a Tropicália, odiado pelo Cinema Novo (ao qual acusava de acadêmico em relação ao Cinema Marginal), e sitiado na imprensa após o fim dos jornais que ajudara a fundar, Flor do Mal e Presença, e a extirpação da corrosiva coluna de artes (Geleia Geral), que mantinha no jornal Última Hora”

“Torquato, mago da palavra, ideólogo inconformista”

“Ele viveu o sufocante claustro cultural do regime (militar) e, apesar do humor em sua criação, foi derrotado pelo pessimismo”

“Torquato não fez outra coisa (desafinar o coro dos contentes), mas criou uma obra que soa mais alto do que o berro de desespero de uma geração desmobilizada”

Duda Machado:

“Adolescente, somava o delírio e a crítica”

“O jeito desajeitado e tímido parecia maior, com a defesa abaixada pelos golpes. Não que ele fosse – em esfera íntima – incapaz de agressão, mas isso acabava sempre em agressão maior a si mesmo. Era da raça dos que são a faca e a ferida”

Rogério Duarte, artista plástico:

“Torquato pregava a vida e não a morte anunciada”

“ignora-se a militância de quem foi o primeiro a contestar sem medo e incomoda até hoje. Ele teve a coragem até de brigar com as esquerdas, com o pessoal do Cinema Novo. Ele não era um homem de rebanho, ele só era fiel com a revolução. Lutou pela imprensa underground”

Ivan Cardoso, cineasta:

“A escolha acabou sendo supercertada. A presença dele alterou o resultado do filme (Nosferatu no Brasil), e se transformou no único filme Cult do Brasil”

“Torquato foi um lorde da corte dos vampiros que passou na minha Transilvânia Fólides. Poeta genial que programou até a própria morte. Era dos signos dos que não temem a morte, escorpião (...) era um grande intelectual”

Haroldo de Campos, poeta e professor:

“Verlaine escreveu sobre os poetas malditos – que eram aqueles simbolistas rejeitados pela sociedade. E o Torquato tem muito desse aspecto”.

Gilberto Gil, músico, cantor e compositor:

“Tenho uma foto dele e Caetano comigo, pendurada na parede. Sempre a vejo. Gosto dele daquele jeito. Ibérico. Meio português, meio campesino. Como aqueles meninos que você vê nos filmes de Buñuel. Parece um daqueles devotos de Lourdes ou de Fátima”

Tomzé, cantor e compositor:

“a criatura humana, como dizia Caetano, é um mistério muito grande e a gente não pode ter a ousadia de pensar que compreende. A morte aparentemente é uma fraqueza, mas também é uma força muito grande, que comove e mobiliza as pessoas para a conhecerem”

José Miguel Visnik: poeta, músico professor, ensaísta:

“Torquato pertence a uma linha de poetas que alcançaram grande fluidez entre a poesia escrita e a poesia cantada. Em sua obra, única, a poesia e a canção se correspondem sem serem separadas por uma fronteira de níveis de densidade. Vinicius anunciou primeiro esse trânsito entre a poesia e a canção, mas nele ainda está marcada a distinção entre as duas. Torquato avança por esse campo aberto, por onde circularão, depois, poetas como Leminsk, Cacaso”.

Luis Otávio Pimentel, cineasta:

“O poeta seria então o poema. Natural de Teresina vai a Salvador em busca de ciências da vida. Abriga-se numa rosa de amigos (baianos) músicos. O cinema o dominava como a poesia o encantava. Um cérebro surgido musical cinematográfico. Um leão camuflando-se repentinamente num scorpio. Abandonando tal ciência o réptil atacou-o pelas costas e ventas...”

Paulo Roberto Pires, jornalista

“Torquato é ao mesmo tempo causa e consequência do tropicalismo. Participou ativamente do bota-abaixo de valores estéticos e políticos promovidos por sua geração, mas deixou os companheiros de viagem quando eles, transformados em arquitetos e engenheiros, planejaram e ergueram para si um status artístico, literário e poético que garantiria por mais de trinta anos sua influência”

Paulo José Cunha, Jornalista, poeta, escritor

Foi, principalmente, uma postura crítico/ demolidora dos tabus centenários da cultura tupiniquim – “a nós, tropicalistas, não interessa derrubar o Príncipe e deixar que sobreviva o Princípio”. Quer dizer, nada. Quer dizer, tudo. Quer dizer, valia mais o fazer do que o fruir – “Ocupar espaço: espantar a careta: tomar o lugar: manter o arco: os pés no chão: um dia depois do outro”.

Ivan Cardoso, cineasta:

“Ele era o letrista mais incrível e estava a fim de revolucionar a linguagem das coisas. Cultiva o lado do artista maldito, que morre cedo.

Era uma pessoa muito amarga. Jamais mostrava o que escrevia. Mas, apesar de muito louco, não fazia nada que não fosse premeditado. Ele era autodestrutivo e curtia demais uma de Van Gogh e Madallarmé. Foi isso que o afastou de Caetano e Gil depois de curta temporada na Europa”.

Paulo José Cunha, jornalista, poeta, escritor

“.....foi o primeiro lampejo de (in) sanidade no meio daquele hospício bem comportado (a eletrochoque) em que se movia a cultura brasileira de então”.

“..... ele não queria representar coisa alguma. Não queria parecer alguma coisa. Não aceitava a arte(qualquer arte desde o folheto de cordel às instalações de Hélio Oiticica) como simples expressão estética”.

“Arte é uma coisa que tinha que remexer com as raízes, futucar a onça com vara curta, sacudir as cadeiras e toda a mobília”.

Caetano Veloso, poeta, músico, compositor, parceiro

‘.....fica em nós a frustração pela não continuidade de uma obra que nos agradava, interessava e motivava. Que outras letras nos reservaria sua delicadeza de dicção, que o levava a escrever os textos mais cantáveis que melhor se davam impressos em papel?; que lutas seriam enfrentadas a um tempo com temeridade e sutileza nas páginas de que jornal?; que livros, que livro escreveria ele finalmente — o livro que ele planejou, esperou,, adiou? Um livro insuspeitado? É nosso luto não saber”.

“Com textos ricos em paródias e citações, Torquato buscava inspirações em temas folclóricos, marchinhas carnavalescas, hinos religiosos, artigos de Décio Pignatari, poemas de Drumond e Sousândrade, crônicas de Rubem Braga”.

Luciano Figueiredo, artista gráfico.

“Torquato era um tipo novo de poeta, afirma Luciano, inteiro, extraordinário, e que tinha uma consciência social no sentido completo. Sua consciência fazia com que ele atuasse em várias expressões, fosse instigador, e radical de 8 a 80”.

Rogério Duarte, design gráfico, poeta

"E preciso acabar de vez com clichê de que Torquato Neto era um maníaco depressivo, ignorando-se a obra do compositor e, pior ainda, escamoteando dados sobre a sua pessoa. Por exemplo: ignora-se a militância de quem foi o primeiro a contestar sem medo e incomoda até hoje. Ele teve a coragem de brigar com as esquerdas, com o pessoal do cinema novo. Ele não era um homem de rebanho, ele só era fiel com a revolução. Lutou pela imprensa underground contra a carece do Pasquim. É preciso resgatar a dignidade humana contra todo o reacionarismo que só lhe viu como um poeta-suicida. Todo ser inteligente pensa na morte. Louvação é um hino à vida. A visão trágica que alguns poetas têm sobre TN é perigosa porque pode esvaziar o conteúdo de sua obra. Fomos internados no mesmo hospício - o Engenho de Dentro - e tenho certeza que eram poucos os que o compreendiam. Para mim, concluindo, TN era o nosso Maiakóvski. Morreu assim que deu o seu recado, aos 28 anos, quando encheu o saco. Não ficou aqui para pedir emprego a ninguém."

Chacal, poeta

"Conheci Torquato Neto através de Waly Salomão, no Shopping da Siqueira Campos, no Rio. Isto era novembro de 71. Voltei a ver Torquato no verão da Bahia em 72. Torquato de olhos e boca vermelha, cabelos em chuma pela Avenida Sete. Essa foi a imagem que me ficou na cabeça. Torquato pela Sete, vertiginoso, volátil, dando pérolas aos porcos, em sua geleia geral lísergica. Na Bahia ele me pede colaboração para Geleia Geral e parte. Foi a Geleia Gerai que me lançou para o mundo das artimanhas em geral. 72. Rio Nilouca. sai pela tangente. Em novembro. Londres, soube da morte de Torquato. No ato cantei: Em Mangueira quando morre um poeta...'. Torquato meu padrinho take 5.'"*

Haroldo de Campos, poeta

"Verlaine escreveu sobre os poetas malditos - que eram aqueles simbolistas rejeitados pela sociedade. E O Torquato Neto tinha muito desse aspecto. Não é por acaso que ele fez a personagem de Nosferato. Aquilo inicialmente parecia a nós um ato jubilatório, de derrisão, de devorar tudo - e era mesmo, uma espécie de devoração do Cinema Novo. Mas no fundo, quando ele encarnava esse personagem (e ele deveria saber muito bem disso com seus próprios botões) havia uma dimensão de auto-vampirização que estava lá."

Claudete Dias, historiadora, que atuou com Torquato no filme Adão e Eva do Paraíso ao Consumo, em março de 1972:

"A gente tinha maior facilidade para fazer as cenas... Ele me orientava. Tinha experiência. Se sentia muito à vontade. Mas, na cena do beijo. Torquato tremeu. Eu olhava para ele e via a sua boca tremendo. Quando me beijou foi com tanta força que machucou minha boca, ficando um beijo com sangue. Beijo vampiresco. Ficamos rindo... Torquato já havia feito Nosferatu. Tinha maior desenvoltura na frente da câmera. O roteiro do Adão e Eva estava esboçado no poema do Torquato. VIR/VER/OUVIR."